

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES
PARA EDUCAÇÃO BÁSICA

Rosa Rodrigues Dias

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL
REPRESENTATIVA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Belo Horizonte

2019

Rosa Rodrigues Dias

**A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL
REPRESENTATIVA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Coordenação Pedagógica.

Orientadora: Juliana Batista dos Reis

Belo Horizonte
2019

D541
TCC

Dias, Rosa Rodrigues, 1985-
A importância da literatura infantil representativa na educação infantil [manuscrito] / Rosa Rodrigues Dias. - Belo Horizonte, 2019.
33 f.: il.

Orientadora: Juliana Batista dos Reis.

Trabalho de conclusão de curso – (Especialização) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Inclui bibliografia.

1. Educação infantil. 2. Literatura infantojuvenil. 3. Leituras para estudantes. 4. Histórias infantojuvenis. 5. Livros ilustrados para crianças. 6. Imaginação.

I. Reis, Juliana Batista dos. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação. III. Título.

CDD : 372.21

Catálogo na Fonte¹ : Biblioteca da FaE/UFMG
Bibliotecária²: Carmes Lúcia de Carvalho Ramos CRB/6- 2566

(Atenção: É proibida a alteração no conteúdo, na forma e na diagramação gráfica da ficha catalográfica³.)

¹Ficha catalográfica elaborada com base nas informações fornecidas pelo autor, sem a presença do trabalho físico completo. A veracidade e correção das informações é de inteira responsabilidade do autor, conforme Art. 299, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940 - "Omitir, em documento público ou particular, declaração que dele devia constar, ou nele inserir ou fazer inserir declaração falsa ou diversa da que devia ser escrita..."

² Conforme resolução do Conselho Federal de Biblioteconomia nº 184 de 29 de setembro de 2017, Art. 3º - "É obrigatório que conste o número de registro no CRB do bibliotecário abaixo das fichas catalográficas de publicações de quaisquer natureza e trabalhos acadêmicos".

³ Conforme Art. 297, do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940: "Falsificar, no todo ou em parte, documento público, ou alterar documento público verdadeiro..."

Rosa Rodrigues Dias

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL REPRESENTATIVA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

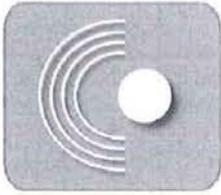
Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Coordenação Pedagógica.

Aprovado em 07 de dezembro de 2019

BANCA EXAMIDORA

Juliana Batista dos Reis – Faculdade de Educação da UFMG (Orientadora)

Symaira Poliana Nonato – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Curso de Especialização em Formação de Educadores para
Educação Básica

§
ATA DE DEFESA DO SEPTINGENTÉSIMO VIGÉSIMO SEXTO TRABALHO FINAL DO CURSO DE
ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA, SUJEITOS E PRÁTICA NO
COTIDIANO ESCOLAR

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “**A importância da literatura infantil representativa na educação infantil**”, do(a) aluno(a) **Rosa Rodrigues Dias**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Juliana Batista dos Reis (orientador) e Symaira Nonato Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho APROVADO, atribuindo-lhe a nota 80, conceito B. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Ana Maria de Castro Rocha, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) Rosa Rodrigues Dias
Rosa Rodrigues Dias

Registro na UFMG: 2018749557

Juliana B. Reis
Juliana Batista dos Reis
Professor(a) Orientador(a)

Symaira Nonato
Symaira Nonato
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Ana Maria de Castro Rocha
Ana Maria de Castro Rocha
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização
Em Formação de Educadores para Educação Básica

Dedico aos meus filhos, pela força, paciência e carinho. Aos meus mestres, pela inspiração diária. Aos meus alunos, a alegria de lecionar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Universidade Federal de Minas Gerais, junto à Prefeitura de Belo Horizonte, a oportunidade de ter tido essa experiência que muito vai contribuir para a minha vida profissional.

Agradeço às minhas colegas de curso, pelo incentivo, especialmente à Sílvia, amizade querida que o LASEB me presenteou.

Agradeço a EMEI em que este trabalho foi desenvolvido, por me possibilitar o objeto deste estudo.

Aos meus filhos, pelo apoio.

A Literatura é o sonho acordado das civilizações.

Antônio Candido

Mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e será o que elas se tornarão.

Chimamanda Adichie (2009)

O que leva uma criança a ler é o exemplo.

Machado (2016)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a importância da representatividade na Literatura Infantil e o seu impacto social, além de propiciar às crianças na faixa etária de 3 a 4 anos a valorização de culturas diferentes promovendo, assim, o empoderamento e a construção de identidade na infância. O projeto tem como base dados coletados em sala de aula através da proposta de intervenção pedagógica “Literatura e Cinema na Educação Infantil e a importância da representatividade”. Importante salientar que, por questões de método, o trabalho está focado apenas na literatura, embora a intervenção tenha ido além ao trabalhar filmes com as crianças. O projeto teve atuação em uma das EMEI's (Escolas Municipais de Educação Infantil), situada na cidade de Belo Horizonte-MG, na comunidade do Morro do Papagaio.

Palavras-chave: Educação Infantil. Identidade. Representatividade. Literatura Infantil.

ABSTRACT

This study aims to analyze the importance of representativeness in Children's Literature and its social impact, in addition to providing for children aged 3 to 4 years the appreciation of different cultures, thus promoting the empowerment and the construction of identity in childhood. The project is based on data collected in the classroom through the proposal of pedagogical intervention "Literature and Cinema in the Early Childhood Education and the importance of representativeness". It is important to point out that, for reasons of method, the work is focused only on the literature, although the intervention has gone beyond using the movies to work with the children. The project was developed in a Municipal Preschool located in peripheral region of the city of Belo Horizonte/MG.

Keywords: Child education. Identity. Representativeness. Children's literature.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. Contextualizando os espaços de estudo.....	14
2.1 A EMEI.....	14
2.2 A turma.....	14
3. DESENVOLVIMENTO.....	16
3.1 Revisão da Literatura e Referencial Teórico.....	16
3.1.1 <i>Montessori e a mente absorvente das crianças.....</i>	<i>16</i>
3.1.2 <i>Chiammanda e a “Única História”.....</i>	<i>17</i>
3.1.3 <i>Literatura: Serve para que?.....</i>	<i>19</i>
3.1.4 <i>Antonio Candido e o Direito a Literatura.....</i>	<i>20</i>
3.1.5 <i>A perda do domínio sobre o imaginário.....</i>	<i>21</i>
3.2 Metodologia da Pesquisa.....	22
3.2.1 <i>Caracterização da EMEI.....</i>	<i>22</i>
3.2.2 <i>Caracterização da turma.....</i>	<i>22</i>
3.2.3 <i>Caracterização do projeto.....</i>	<i>23</i>
3.2.4 <i>Plano de ação.....</i>	<i>27</i>
4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	27
4.1 <i>Fator relevante – a falta de representatividade por trás das editoras.....</i>	<i>28</i>
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho teve como objetivo analisar a importância da representatividade na Literatura Infantil e o seu impacto social, além de propiciar às crianças a valorização de culturas diferentes e a sua própria promovendo, assim, o empoderamento e a construção de identidade na infância. Para tanto, pretendeu-se analisar o comportamento das crianças de uma turma de três a quatro anos de uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) da cidade de Belo Horizonte quando confrontados com perguntas direcionadas à própria cultura, visão de si mesmos sobre características físicas, personagens do cinema e da literatura a qual elas admiravam e se inspiravam, estabelecendo paralelos com o tema proposto.

O interesse por investigar este tema foi perceber, em sala de aula, como o imaginário das crianças estava restrito ao que consumiam da mídia, cinema e literatura, e que não necessariamente os representava, e os perigos que isso acarreta na construção da identidade daquela criança e a maneira como ela se enxerga e se vê no mundo. A EMEI a qual o projeto foi desenvolvido está situada em uma região considerada como “área de risco”, precária em condições de infraestrutura, cujas crianças são expostas muitas vezes à violência e à pobreza características de uma condição histórica que, no passado, as excluiu enquanto indivíduos e sociedades. Cabe à Educação não perpetuar os mesmos preconceitos, especialmente em se tratando da Educação Infantil, visto que é o momento em que a formação do indivíduo e sua personalidade estão ocorrendo, o espaço escolar não pode perpetuar o preconceito e racismo.

Cabe aos educadores, portanto, não ignorar as diferenças e trabalhá-las em sala de aula, valorizando-as, para que as crianças não cresçam se diminuindo frente às demais, para que elas não pensem que são menos merecedoras ou menos capazes de criar algo que as represente e represente a sua história. Espera-se que seja permitido às crianças escreverem as próprias histórias.

A arte, de maneira geral, e a literatura, de maneira específica, tem força para impactar e fazer com que as pessoas repensem o que acontece a sua volta. Através dela, é possível enxergar o mundo pelo olhar do outro, de modo que o interlocutor seja colocado em um lugar que não lhe é comum. É a vivência do outro, o lugar do outro. E embora seja extremamente importante conhecer as mais variadas culturas, assim como é importante que as crianças consumam, sim, o cinema e a literatura, é ainda mais importante que elas entendam que também podem produzir algo novo.

É inegável que a instituição escolar é um agente social, e nela estão inseridas pessoas de diversos contextos, raças, etnias e culturas. Não faz sentido, portanto, que apenas um lado da história seja visto e não os demais, especialmente levando em consideração que o Brasil foi um país colonizado por europeus, viveu por séculos um período de violenta escravidão, e ainda, uma ditadura. É uma sociedade habituada, historicamente, a não se entender enquanto brasileira e vagar num espaço entre uma coisa e outra, sempre buscando a aprovação externa e raramente valorizando o que se produz em território nacional.

Muitos autores tentaram entender onde terminava a influência europeia e onde começava a real cultura brasileira, até decidirem que, na verdade, o país é uma mistura de todas essas referências. Podemos conceber que de genuinamente brasileiro, de fato, apenas os indígenas – que são raramente mostrados na literatura, ou quando o são, de maneira bastante distorcida.

O folclore brasileiro quase não é mais discutido, e as crianças desconhecem a maioria das figuras místicas que a cultura indígena possui. No quesito inclusão, a situação não melhora. Quais personagens de destaque na produção midiática para crianças têm alguma deficiência? Como a criança que não possui um membro, ou tem uma dificuldade em maior ou menor grau de locomoção, fala, visão, pode ser capaz de se sentir representada quando não há nada produzido para ela? Como ela pode se sentir de fato incluída nessa sociedade? De se sentir parte dela, quando todos os exemplos lhe mostram o contrário?

Há, também, a questão da sexualidade e de gênero. A infância é um momento crucial, porque as crianças estão se conhecendo, se entendendo. A escola, através de conversas muito bem formuladas e direcionadas, pode ajudar a criança a estabelecer limites, de modo que ela não sofra com possíveis abusos em casa ou em outros ambientes – inclusive no próprio ambiente escolar. Se não couber à escola, à educação, caberá a quem a mudança? Destrinchar este tema é uma necessidade de se falar sobre representatividade e o impacto disso na vida das crianças.

Este trabalho apresenta o desenvolvimento de um plano de ação que conjugou uma abordagem qualitativa de pesquisa que teve como principal instrumento para a produção de dados uma análise com dezoito crianças de três a quatro anos presentes em uma turma da Educação Infantil da EMEI Monteiro¹ o trabalho também acessou algumas leituras sobre assunto em foco. Tendo contato direto por vários meses com o que essas crianças

¹ Para privilegiar o anonimato da instituição e dos sujeitos, os nomes são fictícios.

consomem, anseiam e têm como referência, além dos cinco encontros direcionados para a pesquisa, foi possível entender como a literatura impacta a vida delas, e como o fato delas não se verem representadas muda a visão que elas têm de si mesmas.

Uma das primeiras dúvidas é: falta literatura representativa? Falta incentivo à produção desse tipo de literatura? Há relutância por parte das grandes editoras de diversificar o formato? Ou todas as alternativas anteriores são negativas e o que falta é o direcionamento desse trabalho em sala de aula? É o que esse trabalho também se propõe a responder, embora o foco continue sendo o impacto da literatura representativa na Educação Infantil e na formação do leitor.

2. CONTEXTUALIZANDO OS ESPAÇOS DE ESTUDO

2.1 A EMEI

A EMEI Monteiro, onde o projeto foi desenvolvido, fica localizada no Morro do Papagaio, comunidade ao centro-sul da cidade de Belo Horizonte-MG. Segundo dados do censo 2018, a instalação de ensino possui 13 salas de aula das quais 11 são utilizadas, 47 funcionários, sala de diretoria, sala de professores, cozinha, biblioteca, parque infantil, berçário, banheiro, banheiro adequado à educação infantil, banheiro adequado à alunos com deficiência ou mobilidade reduzida, dependências e vias adequadas com deficiência ou mobilidade reduzida, sala de secretaria, banheiro com chuveiro, refeitório, almoxarifado, lavanderia.

Além disso, a escola possui os seguintes equipamentos: TV, DVD, retroprojeter, aparelho de som, projetor multimídia (Datashow), fax, câmera fotográfica/filmadora.

De infraestrutura, fornece alimentação escolar para os alunos, água filtrada, água da rede pública, energia da rede pública, lixo destinado à coleta periódica, acesso à internet – em apenas algumas salas.

2.2 A Turma

A Sala 14 recebe todos os dias os alunos da Turma da Gaita, com crianças de três a quatro anos residentes do Morro do Papagaio. Cada ano as EMEI's trabalham um tema, e em 2019 o escolhido foi a música, no intuito de trazer para a criança novos horizontes e contextos, novas palavras.

A maioria das crianças são trazidas para a escola por parentes: mães, pais e outros. O Transporte Escolar é raro, poucos alunos chegam por ele. Mas apesar de os familiares estarem presentes no momento de deixar e buscar as crianças, o contato com a família é difícil. Os recados enviados pela agenda raramente voltam respondidos, o que dificulta o entendimento do contexto pessoal do aluno.

Quando o assunto é urgente e o professor não consegue estabelecer contato via agenda escolar, o caso é imediatamente passado para a direção e a secretaria entra em contato com a família. Quando ainda assim o contato não consegue ser realizado, a EMEI toma medidas mais incisivas.

É importante ressaltar isto porque ajuda a entender a realidade de cada uma das crianças, e de onde vem a forma como elas enxergam o mundo. É possível perceber que elas têm muito interesse nos livros e, nos momentos da contação de histórias, elas participam, opinam, se encantam, questionam. Mas é notável o fato de que as meninas,

por exemplo, só escolhem o livro da Barbie. É o único nesse estilo entre dezenas de opções, e há brigas por conta dele. Todas elas querem ser a Barbie.

Os meninos são mais indiferentes a escolha do livro, mas foi possível perceber que quando eles encontram quadrinhos que tenham super-heróis o interesse cresce de forma notável. Há pouca inclinação para outro tipo de leitura que não seja princesa ou super-herói, o que mostra bem claramente o que este trabalho pretende mostrar.

A maioria dos alunos, quando apresentados ao clássico 'Menina Bonita do Laço de Fita', insistiu no fato de que não eram de forma alguma parecidos com a personagem principal que é negra. Claro que a questão racial é complexa, e cada um se autodeclara da maneira como se identifica, mas é interessante notar o quão rápido eles se associam a certos padrões e características e a outros, não. Mas aprofundaremos mais a questão ao final, no momento em que mostrarei a coleta de dados em contrapartida à bibliografia pesquisada.

3. DESENVOLVIMENTO

3.1 Revisão da Literatura e Referencial Teórico

3.1.1 *Montessori e a mente absorvente das crianças*

Quem nunca ouviu um adulto dizer “Esse filme é muito profundo para ser infantil” ou “Essa animação é mais para adultos que crianças” e coisas do gênero? São frases comuns de uma tradição – talvez mais ocidental – que coloca as crianças num nível inferior ao adulto, como se elas não tivessem capacidade para entender o que as rodeia, como se elas fossem limitadas.

É um erro que vem sendo reparado nas últimas décadas por profissionais que se dedicam a aprofundar na psique da primeira infância, tida por muitos com uma das fases mais importantes da construção humana.

Reza a lenda que uma mãe prestes a dar à luz questionara a Sócrates sobre qual seria o melhor momento para começar a educar o filho, no que ele respondeu “Está nove meses atrasada”. Sendo um diálogo real ou não, seu conteúdo está correto. Existe algo de muito sublime na mente humana dos primeiros estágios da vida que ainda não foi totalmente explorado mas que muitos estudiosos suspeitam esconder um verdadeiro tesouro, como ressalta a própria Montessori. A mente das crianças é brilhante, e a capacidade de absorver informações com tamanha naturalidade é surpreendente.

Recentes observações demonstraram amplamente que as crianças são dotadas de uma natureza psíquica toda delas e isto nos indica um novo caminho para a educação; uma forma diferente, que diz respeito a própria humanidade e que, até agora, nunca foi levada em consideração. A verdadeira energia construtiva, vital e dinâmica das crianças permaneceu ignorada durante milênios; exatamente como os homens inicialmente estabeleceram-se na terra e, em seguida, passaram a cultivar a sua superfície, sem conhecerem ou se preocuparem com as imensas riquezas escondidas nas suas profundezas, assim o homem moderno evolui na civilização sem conhecer os tesouros que estão escondidos no mundo psíquico da criança. (MONTESSORI, 1949, p. 13)

No universo da linguística, já conseguiu se provar que uma criança de três anos é capaz de aprender uma língua não nativa e da qual ela tenha contato em apenas um mês, e isto sem um ensino formal, apenas observando o contexto e os falantes a sua volta. Tal constatação exemplifica de maneira bastante enfática o que Montessori chamou de “Mente absorvente”.

As crianças absorvem o que está ao seu redor, o que elas têm como contexto, e começam a construir uma mente racional a partir dos dados que elas coletam na primeira infância, e aprender a língua é um dos exemplos mais clássicos. Muitos linguistas, como

Chomsky e outros seguidores da Linguística Gerativista, acreditam que existe nos seres humanos uma espécie de gramática universal, mas ela só é posta em prática se os falantes tenham um contato entre si. Se a criança crescer em um ambiente em que não há interação com outros seres humanos, ela não desenvolverá a fala – mesmo que tenha toda a capacidade física para tal. Isso acontece porque os seres humanos são seres sociáveis, e precisam do contato com o outro para desenvolver suas habilidades e se construir enquanto indivíduo.

A criança, portanto, pega todos os elementos que estão a sua volta e os internaliza. E como tudo é novo, tudo é surpreendente, todas as coisas podem ser possíveis – e aqui Montessori chama atenção para a distinção entre imaginação e fantasia, embora não caiba neste projeto entrar nos méritos. Mas o fato importante é: as crianças, nos seus dois ou três primeiros anos de vida, são professoras de si mesmas, mas ao mesmo tempo, absorvem tudo o que está ao seu redor com tamanha potência que Montessori diz que “[...] se compararmos a nossa habilidade de adultos com a da criança, seriam necessários 60 anos de trabalho árduo para conseguirmos atingir aquilo que a criança conseguiu durante seus primeiros três anos de vida.” (MONTESSORI, 1949, p. 15).

E assim, segundo ela, funciona com a cultura. A criança olha o que está ao seu redor e absorve as experiências realizadas no ambiente; o que ela vê, o que ela internaliza, fará parte do que ela se tornará quando a sua mente começar a racionalizar e não mais apenas absorver.

3.1.2 *Chimamanda e a “História Única”*

A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, em uma de suas famosas e inspiradoras palestras no TED TALKS em 2009 falou sobre os perigos de uma única história (The danger of a single story). Na palestra, Chimamanda alerta sobre a maneira em que as narrativas são construídas e difundidas, de modo que o imaginário coletivo e individual seja corrompido por uma única visão – geralmente a de quem detém o poder. A história dos colonizadores sobre a dos colonos; dos países desenvolvidos sobre os subdesenvolvidos; do agressor sobre a vítima; da elite sobre o pobre; das maiorias sobre as minorias, etc.

E essa detenção de uma verdade sobre outras é tão forte, e muitas vezes tão divulgada, que se tornam estereótipos praticamente impossíveis de serem quebrados, de modo que muitos são fadados a uma única visão dos outros. A África como sendo um continente de

desastres e nada mais; o Brasil como sendo um país de corruptos e carnavais intermináveis; o homem negro marginalizado e a mulher negra sexualizada; o mexicano como o eterno imigrante, entre outros.

Enquanto isso, alguns poucos são realmente capazes de contar não uma de suas histórias, mas várias. Não apenas a violenta, de tragédias e pobreza, mas a de esperança, a das conquistas. E geralmente esta última se sobressai sobre as outras histórias, que ficam à sombra de padrões a muito determinados.

Assim podem se sentir as crianças quando se depararam com uma cultura que não as representa. Desde um Natal que não tem neve ou chaminés, a natais que não tem sequer uma refeição; de super-heróis que são altos e brancos e salvam o dia a princesas loiras, com cabelos longos e lisos que cantam e fazem castelos de gelo. De livros britânicos ou norte-americanos que, sim, estimulam a imaginação e a criatividade, mas que fazem parte de um mundo e cultura muito distantes, de modo que a criança não se vê, ou não acha possível se ver, fazendo parte daquilo. Ou, pior ainda, colocando aquela cultura que está sendo representada como melhor e mais importante que a sua.

O objetivo desse trabalho, portanto, é compreender como isso impacta a vida das crianças, especialmente porque o projeto foi desenvolvido com um grupo majoritariamente considerado como minoria: crianças negras, pobres, moradoras de uma região com múltiplas desigualdades sociais. O intuito é o de analisar como essas crianças se veem a partir da leitura, das experiências retratadas através dos livros trabalhados e das discussões que se seguiam após a contação de histórias.

As crianças são vítimas de vários padrões impostos pela sociedade e reafirmados na cultura pop ocidental. Brancas, cabelo liso e esvoaçante, heróis altos brancos e musculosos, feições europeias, pares românticos majoritariamente heterossexuais e minorias não retratadas ou retratadas com condescendência ou em papéis secundários. Tudo isso pode fazer com que a criança olhe a sua volta e não se veja, ou não veja a sua família, seus costumes, seus hábitos e tradições. E que consequências isso gera na sua vida pós-infância? Que tipo de adulto essa criança se torna? Inseguro? Incapaz de se auto afirmar? Vulnerável a todo tipo de exposição? Portanto é fundamental que a criança tenha a chance de construir sua identidade, sua personalidade, sendo coerente com a própria narrativa. Sem que a ela seja negada a chance de conhecer a própria história.

3.1.3 *Literatura: serve para que?*

Na literatura se dá voz a quem quase não tem voz. A literatura tem função humanizadora. Mas para que ela serve? Candido (1995) define, basicamente, em três grandes aspectos aos quais ela se manifesta, sendo o primeiro no campo psicológico. Segundo ele, a literatura está intrincada no indivíduo, na formação da sociedade, e o ser humano tem uma necessidade de se conectar à ficção e à fantasia desde as formas mais simples como anedotas, lendas e cantos populares às formas mais complexas de produção literária. Há uma necessidade de ficção que se manifesta a todo instante.

Para exemplificar, crianças fazem isso a todo instante. Produzem suas próprias narrativas, inventam histórias, misturam realidade e fantasia, contam o que vivenciam em casa e na escola, suas experiências com o mundo, sejam elas positivas ou negativas. A literatura está presente na vida delas a todo instante, independentemente de estarem ou não com um livro em mãos. A grande questão, e é a que este trabalho se propõe, é de que forma a literatura chega até ela; é entender de que maneira a literatura dá voz a sua própria existência.

Chiamamanda conta, em uma de suas palestras, como era difícil para ela se ver nos livros em que lia. Ela tentava incorporar os aspectos europeus como cerveja amanteigada, diálogos sobre o clima, características brancas, ao seu contexto na Nigéria, o que era bastante inacessível. Claro que a possibilitou enxergar outros mundos, mas a limitou a partir do momento em que apenas aquele mundo era retratado. Até chegar ao ponto em que ela não se considerava capaz, ou ao seu povo, de produzir literatura ou qualquer outra forma de arte.

Ainda na função psicológica, Candido (1995) fala sobre o impacto profundo que a criação literária tem no subconsciente e inconsciente.

Ao mesmo tempo, a evocação dessa impregnação profunda mostra como as criações ficcionais e poéticas podem atuar de modo subconsciente e inconsciente, operando uma espécie de inculcamento que não percebemos. Quero dizer que as camadas profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar. Talvez os contos populares, as historietas ilustradas, os romances policiais ou de capa-e-espada, as fitas de cinema, atuem tanto quanto a escola e a família na formação de uma criança e de um adolescente. (1995, p. 175)

Pegando o gancho que Candido nos deixa no trecho acima, Montessori diz algo bastante semelhante e que já mostrei em seu tópico sobre as crianças captarem sozinhas o que está a sua volta, sem depender necessariamente de uma educação formal para isso, contudo, ela ressalta “Aos três anos, a criança já estabeleceu os fundamentos da personalidade humana e tem necessidade do auxílio particular da educação escolar”

(1949). Mas ainda assim, o que elas aprendem e consomem no dia a dia tem impacto profundo na forma como elas veem ao mundo e, principalmente, a si mesmas.

3.1.4 *Antonio Candido e o Direito a Literatura*

O sociólogo e crítico literário Antônio Candido diz em seu famoso e instigante ensaio *O Direito à Literatura*:

[...] a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (1995 p. 113).

No texto, ele ainda relembra o sociólogo francês Louis-Joseph Lebret, que divide os bens entre compressíveis e incompressíveis, e coloca a literatura, as artes e lazer como um bem incompressível, ou seja, que não pode ser negado a ninguém. Está no mesmo nível de alimentação, moradia, instrução, saúde, liberdade individual, etc. visto que há uma necessidade humana de fabulação. A literatura é defendida, portanto, como indispensável para a formação do ser humano, como construção da personalidade.

Os estímulos que a literatura é capaz de ativar são tão impactantes que fomentam a criatividade. E é através da literatura que se pode inserir os excluídos, aqueles que quase não têm voz ou que são sempre retratados pelo olhar do outro.

É muito claro que existe um cerceamento da cultura. “Aqui, você pode entrar”. “Aqui, não”. Num plano teórico, todos devem ter acesso à saúde, educação, moradia, etc. mas todos podem sentar na Sala Minas Gerais e escutar Chopin? Além de haver um cerceamento de espaços, uma não democratização da cultura, há também um impedimento profundo de se considerar arte, de se considerar bom, aquilo que vem da comunidade, e aquilo que vem de culturas que não a europeia/norte-americana. E se a criança não se vê representada, ela se contenta em não ser todas as coisas que ela poderia ser. Ela aceita a “única história”.

Mas a Literatura existe há séculos, e se consolidou como um forte poder nas pessoas. Através da Literatura muito pode ser feito: instrução, raciocínio, senso crítico. Mas mais do que isso, ela pode dar voz a quem não tem voz e a quem não teve a oportunidade de ter a sua história contada. E ainda, de inspirar para que novas vozes surjam.

3.1.5 *A perda de domínio sobre o imaginário*

O professor e poeta Edimilson de Almeida Pereira, no III Ciclo de Conferências Poesia e Experiência da Faculdade de Letras (FALE) da UFMG chamou a atenção para a questão do domínio do imaginário coletivo, e utilizou como exemplo o quanto a noção de espaço e seres extraterrestres foram afetadas pela visão do cineasta hollywoodiano Steven Spielberg, a tal ponto que não conseguimos ver além disso. Vemos o espaço através dos olhos dele, dos filmes dele, de tal forma que visualizar uma outra maneira que esses elementos possam existir se torna impraticável.

É possível que as crianças não tenham contato com essa visão? Dificilmente. É necessário? Também não. Mas a intenção é mostrar o quanto somos influenciados por uma visão pré-determinada. O exemplo do Spielberg pode ser um pouco inofensivo, especialmente para a intenção deste trabalho, mas reforça o tema e os objetivos. É crucial mostrar e estar aberto a diversidade, do contrário ficamos restritos à história única que Chimamanda nos alerta.

Em 2016 a Pixar Studios lançou um curta metragem de animação mostrando a dificuldade de um menino em se conectar com a cultura hindu a qual ele pertence, embora tenha crescido na cultura ocidental. Assim, Os Heróis de Sanjav (Sanjay's Super Team) mostra em preciosos sete minutos sem diálogo o que este trabalho se propõe, tirando como lição de que não é preciso abdicar de um para se ter o outro, mas seguir a conclusão de Oswald de Andrade e misturar as referências, todos os gostos, valorizando a importância de cada um deles para a construção da identidade e ampliação do imaginário infantil.

Até a inserção da criança no ambiente escolar pouco ela sabe do mundo além da relação com a família. Assim, geralmente, o primeiro contato extrafamiliar que elas possuem com o mundo é a escola e os textos e abordagens trabalhados em sala de aula. É neste momento que cabe, portanto, a inserção de uma literatura que as façam livres, e não dependentes de um padrão. A influência mercadológica e midiática, como veremos mais para frente, tem uma parcela de culpa muito grande no fato das crianças consumirem apenas determinados produtos e personagens, e é de fato difícil competir com um mercado projetado para ditar nossos gostos, mas se devidamente trabalhado em sala de aula, ainda é possível mudar este cenário.

3.2 Metodologia de pesquisa

3.2.1 Caracterização da EMEI

A EMEI objeto deste estudo fica localizada na região centro-sul da cidade de Belo-Horizonte e atende a 180 crianças em horário integral, ou seja, de 7h às 17h30min, atendendo crianças de 0 a 6 anos, e possui 47 funcionários. O novo prédio onde seja instalada foi reinaugurado em julho de 2015, e embora atenda a muitas crianças fazendo um trabalho de Educação Infantil excepcional, muitas ficam de fora nas longas listas de espera.

3.2.2 Caracterização da turma

A pesquisa foi realizada na Turma da Gaita da EMEI localizada no Morro do Papagaio, e conta com 18 alunos. Esta turma funciona em horário integral, de 7h as 17h30m, e o almoço das crianças acontece de 10h as 11h20min, seguido pela “Hora do sono” que vai até às 12h50m, momento em que ocorre as trocas de professores. Tem-se, então, a “Hora do Lanche” até às 13h40min, e posteriormente, os alunos seguem para a sala para o início das atividades.

Na turma, tem-se 8 meninas e 9 meninos, sendo que: 11 alunos são autodeclarados pela família como sendo pardos, 5 brancos e 2 negros. Das 18 crianças, uma tem uma deficiência na fala, ela apenas emite sons, mas não há um diagnóstico. De acordo com as fichas cadastrais, todas as crianças moram na comunidade em que a EMEI se situa. E quanto à situação econômica, é possível afirmar que se tratam de famílias de baixa renda. Sobre a constituição familiar, 8 crianças vivem com a mãe, 3 com a mãe e a avó, 6 com a mãe e o pai, 1 com a madrinha.

TABELA 1 – RAÇA/COR

BRANCA	5
PARDA	11
NEGRA	2
AMARELA	-
INDÍGENA	-

Tabela baseada na autodeclaração das famílias nas fichas de matrícula.

3.2.3 *Caracterização do projeto*

O projeto consistiu em apresentar às crianças alguns livros e filmes que fossem diferentes entre si, e que retratassem momentos, lugares e culturas diferentes. Foram cinco encontros de quarenta minutos para a intervenção/pesquisa, trabalhando duas vezes por semana com a contação de histórias. Os dois livros selecionados para tratar neste projeto foram *Menina Bonita do Laço de fita* da Ana Maria Machado (1986) e *Ararinha do Bico Torto* do Walcyr Carrasco (2010). Alguns filmes como *Moana*, *Frozen*, *Mulan*, *A Princesa e o Sapo*, *Monstros S.A.* e *Shrek* também foram trabalhados, mas por uma questão de método optei por deixá-los de fora. Nos dois primeiros encontros trabalhei com o livro da Machado, e no terceiro e no quarto, com o do Carrasco. No quinto e último tivemos uma conversa sobre os dois.

Num primeiro momento, deixava as crianças escolherem seus próprios livros da nossa caixinha literária. As meninas buscavam imediatamente o livro da Barbie, e diversas vezes aconteceu de mais brigarem por conta dele. Os meninos, como disse na introdução, eram mais indiferentes em relação a escolha, mas se tivesse algo relacionado a quadrinhos ou super-heróis eles imediatamente se interessavam.

Mas o momento mais interessante foi, sem dúvida, trabalhar *Menina Bonita do Laço de Fita* com eles. Para um breve resumo, o livro conta a história de um coelhinho branco que se encanta pela cor e pelos traços de uma menina negra, e decide que terá filhos tão bonitos quanto ela. Então ele tenta de todas as formas ficar parecido com a menina para que seus filhos tenham as mesmas características, até que encontra uma coelhinha preta e tem filhotinhos de várias cores com ela. O livro trabalha com a diversidade, o empoderamento negro, dá abertura para discutir sobre o respeito e a valorização das diferenças.

Num primeiro momento fiz perguntas sobre o enredo e os personagens, e as crianças participaram ativamente, falando sobre a menina, o coelho, e se divertindo com as tentativas infrutíferas do animal para ficar parecido com ela. Fiz perguntas para trabalharmos a interpretação textual, treinando-os para uma leitura mais profunda e crítica. Depois direcionei para as características físicas de cada um, perguntando aos alunos sobre as semelhanças com os parentes: pai, mãe, avós, irmãos, tios, primos – e é válido ressaltar que tomei o cuidado de não abordar apenas os pais e mães, visto que algumas crianças não possuem contato com pelo menos um deles, e outras, com nenhum dos dois.

Também fiz perguntas sobre as características que eles tinham em comum com os colegas, e onde eles eram diferentes entre si. Eles ficaram empolgados apontando onde

eram parecidos: altura, cabelo, olhos, e até características psicológicas, como apontar para o coleguinha que é mais “inteligente”, fazendo alusão ao fato de que um deles conta histórias muito bem, ou ao fato de que o outro monta o brinquedo mais rápido, e até a habilidade de um dos colegas por saber contar em inglês; e onde eram diferentes. Voltei então aos personagens e comecei a perguntar sobre as características da menina: como ela é? De que forma ela ajuda o coelho? Ela parece legal? Vocês gostaram dela? O que ela fala para o coelho? Como é o cabelo dela? O que a mãe coloca nas suas tranças? Depois perguntei sobre o coelho: de que cor é o seu pelo? O que ele pensa da menina? Por que ele quer que seus filhotes sejam parecidos com ela? O que ele tenta para ficar parecido com a menina? Funciona? Por que os filhotes dele nasceram de várias cores diferentes?

As perguntas foram feitas em um encontro, e foram de cunho mais interpretativo. Com a contação de histórias as crianças ficaram muito envolvidas com o livro e com o debate que se seguiu. Foi possível perceber que, enquanto eu os deixava livres para escolher os livros, eles buscavam aqueles dos quais são mais visualmente identificáveis, como os da Barbie e quadrinhos de super-heróis, ou seja, com aqueles personagens os quais eles veem o tempo todo em materiais escolares, estampados em mochilas, merendeiras, cadernos, agendas, e em roupas de departamento: blusas, meias, calças, sapatos, etc. Portanto, é realmente natural que o olhar deles rapidamente recaísse naquilo que lhes é apresentado diariamente.

Mas quando iniciei o projeto, fazendo-os sentar em rodas, e contei a história de maneira divertida, entonada, didática, eles ficaram bastante fascinados e muito participativos. Contudo, no segundo encontro, quando iniciei as perguntas sobre características físicas próprias, perguntando-os se eles se viam de alguma forma na menina, eles foram taxativos em responder que não, que não se pareciam em nada com a menina. Um dos alunos apontou para uma das meninas e disse que ela era parecida com a personagem por conta das tranças, no que a menina respondeu que não era “preta” (palavra utilizada pela menina).

O segundo livro trabalhado, que fechou os dois últimos encontros, foi Ararinha do Bico Torto do Walcyr Carrasco (2010), que conta a história de uma arara, Nina, que por nascer com uma deformidade, fora rejeitada pelos amigos e familiares, caindo do ninho e sendo resgatada por um fotógrafo de animais silvestres e seu filho. Os dois cuidam da arara, alimentando-a pela seringa, até que ela passa a se alimentar sozinha. Depois eles a levam para viver numa escola com outros pássaros, onde ela é muito bem recebida por todos e acaba encontrando um companheiro.

Foi particularmente inspirador e emocionante poder ver a reação dos alunos diante esta história. Os alunos ficaram tão tocados pela história da arara Nina que queriam de todas as formas que ela fosse para a escola deles. Um dos alunos chorou por ela ter sido rejeitada pela família, e disse que queria a Nina para ele. Pude perceber o quanto eles ficaram preocupados com a situação difícil do animal e todos, sem exceção, se manifestaram à medida que a história se desenrolava. Foi uma reação que eu, sinceramente, não esperava. Inesperado e muito, muito bonito.

E no quinto e último encontro tivemos a oportunidade de relembrar os dois livros trabalhados e fizemos um encontro da conclusão sobre o que os alunos tiraram das duas histórias. É interessante notar que, mesmo em tão pouco tempo, eles cresceram mais sensíveis ao tema, e mais interessados também. No último encontro não havia mais tanta relutância em gostar dos personagens, mas uma curiosidade genuína. O que só comprova o fato de que, se apresentadas a novas possibilidades, as crianças refletem sobre tudo o que elas absorveram e transformam em pensamento, em questionamento, mesmo ainda estando numa idade tão jovem. Elas já começam a desenvolver certo senso crítico, mesmo que, claro, dentro das suas percepções de mundo, dentro daquilo que lhes é apresentado, e dentro daquilo que elas mesmas captam e produzem.



Figura 1



Figura 2



Figura 3



Figura 4

3.2.4 Plano de Ação

Importante ressaltar que a pesquisa encontrou empecilhos no quesito material de apoio e referencial teórico, visto que mesmo sendo um assunto bastante difundido hodiernamente, a questão da importância da representatividade ainda é falha entre autores que se debruçam exclusivamente sobre isso. Há, claro, muitas entrevistas, campanhas, cobrança por parte de pessoas famosas, iniciativas privadas, movimentação nas redes sociais, etc, mas há pouco em bibliografia.

Desta forma, fiz uma pesquisa qualitativa, que se apoiou na filosofia, na sociologia, na literatura e na pedagogia, na intenção de tentar compreender os fenômenos sociais de um universo microscópico que refletem o que acontece no macro, no sistema. A ênfase do projeto está mais no processo e na provocação que deixa aberta do que nos resultados de fato.

Além disso, os métodos utilizados foram mais documentais que de campo. E a abordagem foi mais informal de maneira que fosse possível captar o máximo de veracidade das informações necessárias para se chegar à conclusão deste trabalho.

O levantamento das informações a respeito da EMEI foi adquirido através do censo disponível na internet, pela secretaria e pela coordenadora geral. As informações sobre a autodeclaração de raça das crianças são feitas, claro, pela família e ficam disponíveis nas fichas de matrículas as quais tive acesso com a permissão da diretora.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Como disse anteriormente, vários livros foram trabalhados em sala, mas o projeto se desenvolveu a partir do clássico *Menina Bonita do Laço de Fita* (MACHADO, 1986) que trabalha a questão da diversidade e do preconceito, da autoestima da criança negra, da aceitação e até dos padrões de beleza, e o *A ararinha do Bico Torto* (CARRASCO, 2010), que trata sobre o ser diferente e a inclusão. Nestes dois livros estão condensados todos os conceitos os quais são interessantes trabalhar no tema proposto, visto que todos eles afetam diretamente o assunto abordado.

Foi muito perceptível o quanto as crianças analisadas colocam suas características físicas, cultura e vivência num plano inferior, e em como elas engrandecem personagens que fazem parte de uma outra realidade. É válido ressaltar, claro, que não há problema que as crianças tenham contato com trabalhos europeus e norte-americanos, como *Harry Potter* e super-heróis, mas é necessário entender o porquê da valorização dessa literatura e não a de outros. Entender o funcionamento por trás dessa predileção, e a forte atração e exaltação do que vem de fora em contrapartida ao que está dentro.

Mas também foi perceptível o quanto eles ficaram tocados pela história da *Ararinha do Bico Torto*, por exemplo, demonstrando uma forte capacidade de empatia, cuidado com o próximo e respeito às diferenças, além da inclusão. Isso só deixa ainda mais evidente o fato de que não é das crianças que vem o preconceito, o racismo, e outras formas de intolerância, mas do contexto. Não necessariamente do próprio meio, mas do que elas veem e consomem diariamente.

Nos cinco encontros direcionados a este projeto já foi possível perceber muitas mudanças, pois as crianças se interessaram e discutiram sobre temas que até então não havíamos abordado em sala. Claro, estamos sempre falando sobre respeito ao colega, sobre respeito ao espaço do outro, mas ver isso de forma ilustrada em dois importantes livros tornou a abordagem muito mais fácil, que era inclusive um objetivo pelo qual não estava esperando.

Além de toda a questão da representatividade a Literatura também auxilia na formação do homem, como vimos em *Antonio Candido* (2004, p.176). Portanto, ter a oportunidade de apresentar às crianças um mundo melhor através dos livros é muito mais visualmente interessante e palpável, porque retira um pouco a abstração da conversa de temas que poderiam ser complexos e acabam sendo muito bem traduzidos por personagens e falas mais didáticas, que estimulam a percepção das crianças que estão ouvindo as histórias. Os livros não precisam ser menos profundos, ou tratar de temas menos importantes, porque

são direcionados para crianças, eles precisam apenas ser adaptados para cada faixa etária, e contados de uma forma que seja interessante para elas.

No começo, achei que seria difícil fazê-los se concentrar. A Contação de Histórias acontece desde o início do ano com a Turma da Gaita, mas foi a primeira vez que as crianças reagiram tão enfaticamente. O que mostra que os hábitos de leitura são adquiridos, em grande parte, pelo exemplo. A ideia não é que as crianças leiam ou escutem as histórias por obrigação, mas que elas de fato gostem da experiência e possam levá-la consigo para os outros anos escolares e para a vida. Afinal de contas, de acordo com Silva (1992, p.57) “bons livros poderão ser presentes e grandes fontes de prazer e conhecimento. Descobrir estes sentimentos desde bebezinhos, poderá ser uma excelente conquista para toda a vida.”

4.1 Fator relevante – a falta de representatividade por trás das editoras

Sabendo, então, que a falta de diversidade na literatura é um problema, e que gera, em consequência, a falta de diversidade, de onde exatamente ele vem? É um reflexo histórico e da sociedade onde vivemos, claro, mas estudando sobre este tema ao longo dos meses descobri uma pesquisa muito pertinente desenvolvida pela Cooperative Children's Book Center (CCBC) que chegou a uma conclusão bastante interessante sobre a diversidade entre a equipe editorial, ou seja, entre as pessoas que trabalham nas grandes editoras.

Não é segredo que para a grande maioria das profissões de diversas áreas do conhecimento e de atuação a diversidade esteja caminhando a passos lentos, no entanto, é curioso notar como esta questão não tem sido amplamente difundida no que tange ao mercado editorial. Têm surgido críticas cada vez mais severas sobre a falta de diversidade na literatura infantil, mas o que se sabe sobre as pessoas que estão por trás da edição destes livros? Quem de fato compõe essas empresas?

Foi isso que a CCBC tentou entender através de uma extensa pesquisa. Para eles, era importante chegar a números concretos para analisar se eles refletiriam a realidade do problema apresentado.

A pesquisa teve duração de um ano, e incluem oito jornais e 34 editoras – todas situadas na América do Norte. Mas como muito do que se consume aqui vem dos Estados Unidos, a pesquisa continua pertinente e próxima do contexto. A pesquisa foi feita online, totalmente anônima, de forma que nem mesmo a própria empresa entrevistada tivesse acesso aos dados coletados, e um link foi enviado a todos os funcionários da equipe

executiva e recursos humanos com perguntas relativas a questão da diversidade – algumas perguntas, inclusive, bastante sensíveis, como salientam a CCBC.

Desta forma, tem-se que:

Pouco menos de 80% da equipe de publicação e revisão é branca. O restante é composto por asiáticos/havaianos nativos/das Ilhas do Pacífico (7,2%), hispânicos/latinos/mexicanos (5,5%), negros/afro-americanos (3,5%) e bi raciais/multirraciais (2,7%). Nativos americanos (0,5%) e Oriente Médio (0,8%) da equipe editorial. Embora todas as minorias raciais/étnicas estejam sub-representadas quando comparadas à população geral dos EUA, os números mostram que alguns grupos, como negros/afro-americanos, são mais severamente sub-representados. Isso reflete a tendência entre os autores de livros infantis. Em 2014, apenas 2% dos livros rastreados pela CCBC era de autores negros. Os latinos também estavam sub-representados nos dois lugares. (CCBC, 2016)

É muito válido ressaltar, no entanto, a dificuldade em se fazer uma pesquisa como esta. Visto que há limites na delimitação e enquadramento das pessoas em raças e etnias, sem mencionar o fato de que em cada grupo as pessoas se identificam de várias maneiras. Mas a título de método, eles utilizaram o censo dos Estados Unidos, que agrupa americanos brancos, americanos europeus e americanos do Oriente Médio, com alguns ajustes, visto que os latino-americanos e hispânicos ficam suspensos na pesquisa.

Além da questão étnico/racial há ainda a questão do gênero.

A pesquisa revela que a publicação é de cerca de 78,2% de mulheres ou mulheres-cis e 20,6% de homens ou homens-cis. Esses números podem ajudar a explicar porque a publicação de livros infantis é distorcida para as leitoras. Entre os cargos executivos e membros do conselho, essa disparidade se igualou um pouco, com aproximadamente 40% dos executivos e membros do conselho identificando-se como homens ou homens cis. Isso reflete a realidade de que os homens ainda ascendem a posições de poder com mais frequência, mesmo em indústrias dominadas por mulheres. A questão de gênero também revela que cerca de 98,7% da equipe de publicação se identifica como homem ou mulher cis. Isso significa que eles se identificam com os sexos os quais foram designados no nascimento. Como isso se compara à população em geral? (CCBC, 2016)

A pesquisa se estende por outros tópicos como orientação sexual, em que 88,2% da equipe se identifica como heterossexual, e a CCBC ainda reitera o fato de que muitos entrevistados optaram por não responder a este tópico específico por não se sentirem confortáveis. Além disso, a pesquisa revela que apenas 7,6% da equipe de publicação se identifica como portadora de alguma deficiência.

É claro que, como já dito, não é uma pesquisa feita para o recorte deste projeto, cujo objeto é uma turma de Educação Infantil da EMEI Monteiro. Contudo, é muito interessante mostrar de onde vem os livros os quais são consumidos pelas crianças, e quem os separa no mercado editorial. A pesquisa da CCBC só evidencia o fato de que a falta de

representatividade começa nas empresas e acaba definindo o que é lido, assistido e consumido pela sociedade em geral.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: REPRESENTATIVIDADE PARA QUE?

A presente pesquisa foi realizada com o objetivo de analisar o impacto da literatura na educação infantil, especialmente entre crianças de três a quatro anos, e para além disso, a literatura representativa. Para isso, foram levantadas pesquisas mais bibliográficas de autores que são referência tanto no campo da literatura, quanto no campo da pedagogia e da educação.

Livros Infantis são complexos, e suas questões e considerações são talvez até mais profundas que muitos livros de literatura para adultos. Estudando para esta pesquisa pude descobrir vários autores que fazem um trabalho excepcional em levar leitura de qualidade para crianças, mas que nem sempre chegam da forma correta até as crianças.

Como já dito anteriormente, o hábito da leitura vem com o exemplo: de casa e/ou da escola. Mas se em casa as crianças não têm esse contato, se os pais não as introduzem no universo dos livros e da contação de histórias, então cabe à escola ser mais enfática em relação a isso. E para além da contação, é importante que os professores saibam selecionar os livros certos, pertinentes às faixas etárias e com discussões e perguntas que sejam bem direcionadas às crianças.

Os livros infantis devem ser didáticos ao representar o mundo ao nosso redor, tratando de temas e valores que sejam positivos para que as crianças sejam capazes de construir uma mente própria, independente e criativa, e que cresçam em um ambiente mais justo, menos preconceituoso, de mais amor e menos tensão, menos intolerância. A literatura ajuda a formar cidadãos.

E que tipo de cidadãos eles serão se não puderem se ver nos livros que leem? Nos filmes que assistem? Como já discutimos aqui, é nesta idade que as crianças começam a entender o mundo em que vivem. Elas passam a construir a imagem que tem de si mesmas conforme o que observam do meio e das experiências e contatos que tem no dia a dia. Por isso é crucial que elas se vejam no outro, para que possam, assim, construir suas próprias vozes.

O tema deste trabalho surgiu depois de muitas tentativas de temas fracassados, que não eram bons ou não tinham o recorte suficiente, ou que ficariam muito longos, ou que não eram pertinentes à proposta do curso. E a questão da representatividade esteve sempre presente em sala de aula nos meus mais de trinta anos de trabalho com a educação, mas o curioso é que não se dava um nome a isso. A questão esteve sempre lá, presente, mas só agora falamos sobre isso abertamente e com a devida atenção.

Quando olho para um aluno e vejo a força que um personagem tem de influenciá-lo, penso no quanto isso pode ser ao mesmo tempo extremamente benéfico e extremamente perigoso,

porque fantasia e imaginação são conceitos que se confundem, mas não tem o mesmo significado. E também pode ser perigoso quando os personagens seguem apenas um padrão.

Mas é profundamente revolucionário quando a criança olha e se vê, se identifica, e entende que ela pode ser aquilo que está representado e mais. Por isso que nesse momento é importante que as crianças tenham o acompanhamento certo em suas contações e leituras. Se o trabalho for feito corretamente, as consequências serão de uma geração muito mais confortável consigo mesma e, em consequência, muito mais tolerante com o outro.

Mas para se ter livros com personagens diversificados, é preciso que os autores tenham a chance de ser publicados. Por isso decidi fechar o trabalho com a pesquisa da CCBC, que mesmo valendo mais como curiosidade do que tendo uma relação direta com o trabalho, mostra em parte onde pode estar o problema. Os escritores dispostos a escrever existem, mas a dificuldade na publicação e no mercado, também. Enquanto me deparei com diversos livros infantis interessantíssimos sobre os mais variados temas: deficiência, inclusão, morte, religião, sexualidade e até política, por algum motivo eles não ganham a notoriedade necessária. Portanto, não consigo ver outra forma desta mudança ocorrer senão nas salas de aula, partindo principalmente dos professores.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: Vários escritos. 4ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004, p. 169-191.

CARRASCO, Walcyr. **A Ararinha do Bico Torto**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Ática, 2010.

CCBC. **Diversity in Publishing**. Disponível em: <<https://blog.leeandlow.com/2016/01/26/where-is-the-diversity-in-publishing-the-2015-diversity-baseline-survey-results/>>. Acesso em 18 de outubro 2019.

CCBC. **The Cooperative Children's Book Center**. Disponível em: <<https://ccbc.education.wisc.edu/>>. Acesso em 18 de outubro de 2019.

CHIRSPIM, Luana. **A importância da Literatura Infantil no desenvolvimento da criança**. Disponível em: <<https://envolverde.cartacapital.com.br/a-importancia-da-literatura-infantil-no-desenvolvimento-da-crianca/>>. Acesso em 02 de novembro 2019.

DA SILVA, Regina Helena de Andrade Pranke. **Crianças negras: uma reflexão sobre autoimagem**. Disponível em: <<https://meuartigo.brasescola.uol.com.br/educacao/criancas-negras-uma-reflexao-sobre-sua-auto-imagem.htm>>. Acesso em 03 de novembro de 2019.

DE SOUZA, Gabriela Tavares. **A Representatividade Negra na Literatura Infantil: dentro da sala de aula**. Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros. 2018.

ESCOLAS. Censo Escolar EMEI Professora Marta Nair Monteiro. Disponível em: <<https://www.escol.as/271770-umei-professora-marta-nair-monteiro>>. Acesso em 17 de novembro.

MACHADO, Ana Maria. **Menina Bonita do laço de fita**. Rio de Janeiro: Ática, 2000.

MONTESSORI, Maria. **Mente Absorvente**. Rio de Janeiro: Ed. Nordica, 1976.

SOARES, Magda Becker. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 1988.